

Tipo do Artigo (Revisão)

REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS SOBRE O DIAGNÓSTICO TARDIO DE TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Lessa Gebrim^{1,2}, Paula Negreiros², Santiago Adorno Naves¹, Samuel Pinheiro Almeida¹, Rogério Rodrigues da Silva.

Afiliação 1: Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO), Goianésia, Brasil.

Afiliação 2: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC). Goiânia, Brasil.

* Autor correspondente: lessagebrim@gmail.com.

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é descrito pela Associação Americana de Psiquiatria, (APA, 2022/2023) como um transtorno do neurodesenvolvimento que pode ocasionar déficits na área de: comunicação e interação social; e/ou a apresentação de padrões de comportamentos restritivos e estereotipados, abrangendo déficits e/ou excessos comportamentais que devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento. (APA, 2022/2023). O objetivo deste artigo foi realizar uma revisão sistemática sobre os estudos com foco no diagnóstico tardio do TEA e mapear as evidências disponíveis recentes sobre os principais temas referentes ao diagnóstico tardio. Foi realizada uma busca no, sem filtro de datas ou língua escrita, e conforme as diretrizes do Prisma. Foram encontrados 226 artigos, dos quais 20 preencheram os critérios de elegibilidade. O banco final incluído na análise foi constituído por 20 artigos. Também foi constatada a necessidade de um incremento na realização de pesquisas que visem a compreender como é feito o diagnóstico de TEA em adultos e o impacto ou prejuízos da demora desse diagnóstico para as pessoas no contexto brasileiro. As pesquisas que tenham como foco adultos autistas e que atentam para o tratamento desses são escassas. O número baixo de pesquisas da Psicologia brasileira sobre o diagnóstico tardio do TEA, diante do grande número de demora da identificação do transtorno em adultos, demonstram que a área ainda tem muito a se desenvolver no país.

Palavras-chave: diagnóstico tardio; adultos autistas; autismo em adultos.

1. INTRODUÇÃO

A Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2022/2023), por meio do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-5-TR, afirma que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento e, fisiologicamente, as pessoas com o diagnóstico têm a mesma expectativa de vida que as pessoas fora do espectro do autismo. Apesar disso, poucos adolescentes, e ainda menos adultos, são diagnosticados com TEA. Até a década de 1980, o diagnóstico incorreto ou a falta de diagnóstico era comum. Em 1978 o psiquiatra inglês, M. Rutter propôs a definição do autismo como transtorno mental o que deu base para os critérios diagnósticos publicados na terceira edição do DSM-III. Por outro lado, o diagnóstico é principalmente para crianças, portanto, se nenhum comportamento-problema for observado antes dos 36 meses, a possibilidade de autismo não é considerada. No entanto, a falta de diagnóstico na infância não significa que o autismo em adultos não tenha sido conhecido (França, Morais & Rocha, 2024)

Para Lord e Bishop (2021), o TEA é visto como um transtorno do neurodesenvolvimento e estaria enraizado em dificuldades básicas que surgem desde cedo na vida da criança. Essas dificuldades afetam principalmente a aquisição de comportamentos sociais e de comunicação, como contato visual, linguagem verbal e não verbal e a interação com outras pessoas essa ideia está em desacordo com a ideia de “autismo de surgimento tardio”. No entanto, isso não impede que os indivíduos manifestem dificuldades novas ou aumentadas no funcionamento social à medida que envelhecem e à medida que fatores individuais e ambientais interagem para aumentar risco de resultados sociais ruins em vários estágios de desenvolvimento, ou seja, essa ideia sugere que os problemas comportamentais podem surgir mais tarde, após um período de desenvolvimento aparentemente típico.

Assim como agora se reconhece que o TEA pode estar associado a pontos fortes e/ou desafios relativos em domínios do desenvolvimento que não a comunicação social, pessoas sem o diagnóstico apresentam vários pontos fortes e desafios no funcionamento social. A importância do comportamento em contextos sociais não se limita à infância e que devemos estar atentos aos desafios sociais contínuos e emergentes ao longo do desenvolvimento, inclusive na idade adulta (Lord & Bishop, 2021).

Pellicano et al (2020), afirmam que receber um diagnóstico de autismo na idade adulta é cada vez mais comum para um subconjunto de indivíduos que foram diagnosticados erroneamente na infância ou perderam completamente o diagnóstico. Acerca do perfil compensatório ou mascaramento no autismo, pouco se sabe, ou seja, pessoas com o diagnóstico de TEA relatam dificuldades ou diferenças cognitivas relacionadas ao transtorno mesmo que apresentem poucos problemas em sua apresentação comportamental. Sabe-se ainda menos sobre as estratégias compensatórias específicas que esses indivíduos usam para disfarçar o problema. Atualmente, também não está claro se os indivíduos sem um diagnóstico formal de autismo, mas com dificuldades comportamentais semelhantes, usam estratégias compensatórias, potencialmente permitindo que eles fiquem abaixo do limiar diagnóstico.

Os resultados apresentados, neste trabalho, sugeriram que existem múltiplas estratégias compensatórias com características distintas, fatores individuais e ambientais que modulam o uso e o sucesso da estratégia compensatória, resultados positivos (relações sociais, independência, emprego) e negativos (saúde mental precária, diagnóstico tardio) associados ao uso de estratégias compensatórias, e que indivíduos sem diagnóstico usam estratégias compensatórias semelhantes aos indivíduos com diagnóstico do transtorno (Livingston, Shah, & Happé, 2019).

As estratégias de mascaramento referem-se à tendência de alguns indivíduos com o diagnóstico de TEA de esconder, suprimir ou camuflar seus problemas comportamentais. O mascaramento autista também pode incluir tentativas de imitar os estilos comportamentais, cognitivos ou sensoriais de pessoas típicas e suprimir formas naturais de comportamento autista, cognição e reações a experiências sensoriais. Isso pode ser uma tentativa de evitar o estigma do diagnóstico de autismo e uma reação a traumas interpessoais anteriores. O aumento dos comportamentos de mascaramento autista está associado a relatos de aumento da depressão, ansiedade, esgotamento e exaustão em pessoas autistas e, portanto, explorar as raízes e o impacto do mascaramento autista é um importante tópico de saúde mental *(Abrantes, Silva, Ramalho & Guedes, 2025).

Adultos com TEA apresentam maior vulnerabilidade à depressão e ao comportamento suicida devido à combinação de fatores ligados às características do transtorno e ao contexto social. Segundo Oliveira e Maia (2022), a depressão é o principal fator de risco para ideação e tentativas de suicídio. Entre os fatores associados à depressão

destacam-se o pouco envolvimento em atividades, dificuldades psiquiátricas e sentimentos de não pertencimento e sobrecarga emocional. Para o risco de suicídio, somam-se elementos como comorbidades psiquiátricas, deficiência intelectual, histórico familiar de transtornos mentais, camuflagem de comportamentos, autolesão não suicida, intensificação de traços autistas, uso de antidepressivos, estados emocionais negativos e necessidades de apoio não atendidas. Como fatores de proteção, o estudo aponta o apoio social, a participação em atividades e relações íntimas. As autoras também ressaltam que a literatura sobre o tema ainda é limitada, especialmente pela falta de instrumentos específicos de avaliação e pela escassez de pesquisas brasileiras recentes.

Desta forma, o diagnóstico tardio do autismo desencadeia maiores impactos nas condições de vida do paciente e seus familiares e para obter um tratamento de alta qualidade é necessário preservar adaptação, habilitação e reabilitação do indivíduo (Gomes et al., 2019). Bem como, a falta do diagnóstico inicial tem trazido resultados insatisfatórios ao tratamento, posto que acarreta o desempenho cognitivo, funcionamento da memória operacional e controles emocionais perante a determinadas situações (Mattos et al., 2022).

Esta revisão foi norteadada pela questão de pesquisa: Quais são, então, os impactos causados pelo diagnóstico tardio do TEA? Para então, analisar as mudanças na qualidade de vida das pessoas após o diagnóstico tardio e entender quais são as contribuições da Psicologia sobre essa temática. Assim, o objetivo deste artigo foi realizar uma revisão sistemática sobre os estudos com foco no diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista e mapear as evidências disponíveis recentes sobre os principais temas referentes ao diagnóstico tardio de TEA. O intuito foi compreender como a Psicologia tem pesquisado esse assunto, quais temas estão sendo utilizados para abordar essa questão, que tipo de métodos tem sido adotados, quais são os resultados encontrados, quais são as possíveis lacunas que ainda precisam ser preenchidas e que tipo de contribuição a ciência psicológica tem prestado à sociedade brasileira no que diz respeito ao estudo da temática do diagnóstico tardio de TEA.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma busca nas bases de dados do Portal de Periódicos da CAPES, os termos de busca com operadores booleanos foram (“late diagnosis of autism spectrum disorder”) AND (“adults with Autism Spectrum Disorder”) AND (“autistic adults”), e palavras chaves “autistas adultos”, adultos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista” e por fim “diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista”. Como o interesse desta revisão foi entender, a partir dos artigos científicos já publicados, como a Psicologia brasileira tem estudado o diagnóstico tardio de TEA, optou-se por não delimitar na busca o período de publicação. Foram incluídos todos os trabalhos publicados até agosto de 2025, quando a busca foi realizada. Da mesma forma, o idioma do artigo também não foi utilizado como critério de busca.

Em um primeiro momento, todos os artigos encontrados foram adicionados ao MENDELEY, o que permitiu a criação de uma biblioteca pessoal dedicada ao tema estudado, a geração automática de citações e bibliografias no formato desejado. Com o uso desse aplicativo foram excluídos os artigos duplicados, entre as bases consultadas. Após, foi aplicado o critério de inclusão: ter como tema principal o diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista. Para checagem do primeiro critério, foram analisados título, resumo e palavras-chave dos artigos. Com base nessa análise, foram incluídos: (a) todos os artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras de Psicologia ou multitemáticas em que a Psicologia constasse como uma das áreas do escopo da publicação; os textos completos dos artigos selecionados foram recuperados e submetidos a uma nova seleção. Nessa etapa, foram excluídos os artigos que não tinham o texto completo disponível na internet.

A análise das publicações incluídas nesta revisão levou em consideração a natureza (e.g., trabalho empírico, teórico, etc.) e o tema do estudo, a base teórica, o método, e os resultados encontrados. Todo o processo de seleção dos artigos e extração dos dados foi realizado por duas juízas independentes. Não houve discordância, a análise conjunta demonstrou consenso.

Para melhorar o relato da presente revisão sistemática, o estudo foi submetido às diretrizes do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses). Seguindo as orientações e exemplos de como relatar completamente os objetivos, os métodos que foram usados e quais resultados foram encontrados. O presente estudo de Revisão Sistemática foi incluído nos registros de treinamento do PROSPERO.

Ao final, todos os artigos selecionados, também, foram organizados em uma planilha do Excel, ordenados por cronologia nas linhas e identificando nas colunas: referência no estilo APA, revista/periódico, tipo de estudo, objetivo, palavras-chave, participantes, resultados, conclusão, método de análise de dados, inclusão, exclusão, instrumento e observações, de cada um dos estudos separadamente para melhor identificação, comparação e análise dos artigos.

3. RESULTADOS

A busca inicial nas bases de dados gerou um total de 227 artigos (Portal Periódicos Capes). Na primeira triagem, foram excluídos 03 trabalhos duplicados entre as bases. Dos 224 artigos restantes, 194 não atenderam aos critérios de inclusão e 10 atenderam ao critério de exclusão, ou seja, o texto completo não estava disponível na internet. Restaram, portanto, 20, os quais foram incluídos na análise principal deste estudo. No que diz respeito às estratégias complementares, a busca nas listas de referência não obteve a inclusão de novos trabalhos. O pesquisador consultado, por sua vez, considerou o resultado da revisão correto e não fez nenhum acréscimo. Assim, o banco final incluído na análise deste estudo foi constituído por 20 artigos, que estão destacados com asterisco na lista de referências. Os resultados serão apresentados de forma descritiva, tendo como base a análise de elementos relativos ao ano de publicação dos trabalhos, periódicos responsáveis pelas publicações, natureza dos estudos, aspectos metodológicos e temáticas abordadas.

A análise dos artigos encontrados revelou que a publicação de trabalhos específicos da Psicologia sobre diagnóstico tardio de TEA, dentro dos critérios especificados neste estudo, teve início em 2021. Desde então, o número de publicações não seguiu um padrão linear ao longo dos anos. Em 2024, a área atingiu o número máximo de trabalhos sobre o tema publicados em um único ano onze (11) e, em 2021 foram apenas um (01). Em 2025, dois (02) artigos foram recuperados, mas esse é um número provisório, visto que a busca foi efetuada em meados do ano mencionado.

Os 20 trabalhos analisados neste estudo foram publicados em 12 revistas diferentes, nove (09) das quais são editadas no Brasil e quatro (03) no exterior. Com relação ao idioma, dezessete (17) artigos foram publicados em português brasileiro (Alves, H. C. de O. (2024); Duarte, L. M., Ribeiro, V. E. de L., & Nazaré, W. O. (2024); Finger, S. M., Marques, N. A., Souza, M. E. de, Martinussi, L., Queiroz, L. S., Almeida, E. L. F., Teodoro, L. Z., Silva, I. M. H. F. e, & Cogo, A. M. (2024); Nalin, L. M., Matos, B. A. de, Vieira, G. G., & Orsolin, P. C. (2022); Abrantes, E. E., Silva, A. K. A. da, Ramalho, M. A. de O., & Guedes, T. A. L. (2025); Dias, A. F. N., Ribeiro, F. S., Lima, V. L. S., Santana, A. B. S., Guimarães, B. L. S., Almeida, C. F. F., & Fernandes, T. A. (2023); Rocha, V. P., da Cruz, A. V. C., Ferreira, C. A. C. de C., Barbosa, A. B., Brandão, L. L., Lima, P. L. S., Silva, R. O., & Vasconcelos Filho, J. C. (2023); Schuur, A. P., Beiral, B. U., Gaievski, R. S., Grigio, J., Souza, A. G. de, Carmanhães, G. F., & Oliveira, L. M. (2024); Soares Loureiro, J. (2024); Casagrande, I., Galante, M. E. L., & da Silva, N. R. (2024); Taxa, S. K. F., Marinho, A. V. B., Marinho, S. V. B., & Mota, M. A. (2024); Oliveira, L. H. C. de, Moura, T. C., Ferreira, V. M. M., & Andrade, M. A. F. (2025); Santos, L. R. dos, Marques, M., Silva, P. O., & Pucci, S. H. M. (2024); Otoni Pereira Miranda, É., & Maria Pereira Fontes Chagas, L. M. (2024); Soares, A. G. V., Silva, H. C. da, Vidal, L. A., Bonilla, M. A. de A., Tôrres, M. E. M., Lima, M. J. N. de, Santana, M. A. de, Alves, M. E. de M., Paz, U. E. S., & Silva, H. R. de S. e. (2023); Rocha, P. A., Gomes, A. C. P., Souza, A. J. A. A. de, Penha, I. e S., Santos, J. P. de O. B., Lemes, L. de A., & Macedo, L. R. (2024); Tonial, A. C., Huning, J., & Pinculini, A. P. G. (2023); , quatro (04) em inglês Crowson, S., Poole, D., Scargill, K., & Freeth, M. (2024); Huang, Y., Trollor, J. N., Foley, K. R., & Arnold, S. R. C. (2023); Rose, K., & Michael, C.(2022); Rødgaard, E. M., Jensen, K., Miskowiak, K. W., & Motttron, L. (2021).

A maioria dos periódicos, 08, publicou apenas um artigo sobre o tema (ver Tabela 1). A revista que mais se destacou foi Brazilian Journal of Health Review (B3) (05) cinco artigos publicados, as demais revistas publicaram (02) dois artigos cada.

Tabela 01. Número de artigos publicados por revista, com avaliação segundo o qualis periódicos da Capes entre parênteses.

Revistas (Qualis)	Artigos	Referências
A co-produced modified Delphi	1	Crowson, S., Poole, D., Scargill, K., & Freeth, M. (2024).

study. <i>Autism</i>		
<i>Autism in Adulthood</i>	1	Huang, Y., Trollor, J. N., Foley, K. R., & Arnold, S. R. C. (2023).
<i>Molecular Autism</i>	1	Rødgaard, E. M., Jensen, K., Miskowiak, K. W., & Mottron, L.
<i>Revista de Psicologia (B3)</i>	1	Alves, H. C. de O. (2024).
<i>Revista Contemporânea (B1)</i>	1	Duarte, L. M., Ribeiro, V. E. de L., & Nazaré, W. O. (2024).
<i>Revista CPAQV (B2)</i>	1	Finger, S. M., Marques, N. A., Souza, M. E. de, Martinussi, L., Queiroz, L. S., Almeida, E. L. F., Teodoro, L. Z., Silva, I. M. H. F. e, & Cogo, A. M. (2024).
<i>Research, Society and Development</i>	1	Nalin, L. M., Matos, B. A. de, Vieira, G. G., & Orsolin, P. C. (2022)
<i>Brazilian Journal of Health Review (B3)</i>	5	Abrantes, E. E., Silva, A. K. A. da, Ramalho, M. A. de O., & Guedes, T. A. L. (2025). Dias, A. F. N., Ribeiro, F. S., Lima, V. L. S., Santana, A. B. S., Guimarães, B. L. S., Almeida, C. F. F., & Fernandes, T. A. (2023). Rocha, V. P., da Cruz, A. V. C., Ferreira, C. A. C. de C., Barbosa, A. B., Brandão, L. L., Lima, P. L. S., Silva, R. O., & Vasconcelos Filho, J. C. (2023). Schuur, A. P., Beiral, B. U., Gaievski, R. S., Grigio, J., Souza, A. G. de, Carmanhães, G. F., & Oliveira, L. M. (2024). Soares Loureiro, J. (2024).
<i>Cuadernos de Educación y Desarrollo (A4)</i>	2	Casagrande, I., Galante, M. E. L., & da Silva, N. R. (2024) Taxa, S. K. F., Marinho, A. V. B., Marinho, S. V. B., & Mota, M. A. (2024).
<i>Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (B3)</i>	2	Oliveira, L. H. C. de, Moura, T. C., Ferreira, V. M. M., & Andrade, M. A. F. (2025). Santos, L. R. dos, Marques, M., Silva, P. O., & Pucci, S. H. M. (2024).
<i>Revista Neurociências (B2)</i>	2	Otoni Pereira Miranda, É., & Maria Pereira Fontes Chagas, L. M. (2024). Soares, A. G. V., Silva, H. C. da, Vidal, L. A., Bonilla, M. A. de A., Tôrres, M. E. M., Lima, M. J. N. de, Santana, M. A. de, Alves, M. E. de M., Paz, U. E. S., & Silva, H. R. de S. e. (2023).
<i>Revista Eletrônica Acervo Saúde (B1)</i>	1	Rocha, P. A., Gomes, A. C. P., Souza, A. J. A. A. de, Penha, I. e S., Santos, J. P. de O. B., Lemes, L. de A., & Macedo, L. R. (2024).
<i>CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES (A4)</i>	1	Tonial, A. C., Huning, J., & Pinculini, A. P. G. (2023).

*Número de artigos publicados por revista, com avaliação segundo o qualis periódicos da Capes entre parênteses.

No que diz respeito à classificação das revistas no Qualis-periódicos da última avaliação trienal da Capes, 14,29% foram classificadas no estrato A, sendo três(03) A4, e 61,9% no estrato B, sendo duas (02) B1, três (03) B2 e oito (08) B3. Apesar de pouco menos de dois terços dos periódicos estarem no estrato B, a tendência se modifica quando são analisados o número de artigos publicados por cada revista: 03 foram publicados em periódicos avaliados como A e 07 em periódicos B. As demais revistas 23,81% não possuem um Qualis listado nas bases de dados do Brasil, como a Plataforma Sucupira, pois é publicada fora do país e o Qualis é um sistema brasileiro.

Com relação à natureza dos estudos, dos 20 artigos publicados desde 2021, sendo 14 artigos teóricos que

investigaram sobre os impactos na vida da pessoa com o diagnóstico tardio, os demais investigaram sobre a dificuldade de se fazer o diagnóstico de TEA em pessoas adultas, sobretudo em mulheres, e 6 artigos empíricos que investigaram sobre o impacto social e cognitivo do diagnóstico tardio, descobrir qual apoio a pessoa adulta com TEA necessita e compreender os motivos que levam ao diagnóstico tardio . A Medicina, em suas mais variadas vertentes, foi a base teórica mais utilizada. Foram identificadas algumas lacunas na descrição metodológica dos estudos nacionais, principalmente no que diz respeito à caracterização de participantes, instrumentos e procedimentos adotados.

Casagrande, I., Galante, M. E. L., & da Silva, N. R. (2024), Santos, L. R. dos, Marques, M., Silva, P. O., & Pucci, S. H. M. (2024), Nalin, L. M., Matos, B. A. de, Vieira, G. G., & Orsolin, P. C. (2022), Soares, A. G. V., Silva, H. C. da, Vidal, L. A., Bonilla, M. A. de A., Tôrres, M. E. M., Lima, M. J. N. de, Santana, M. A. de, Alves, M. E. de M., Paz, U. E. S., & Silva, H. R. de S. e. (2023) e Soares Loureiro, J. (2024) não apresentaram lacunas, os outros 15 artigos apresentaram falhas na descrição de um, dois, três ou mesmo nos quatro dos itens avaliados, como indica a Tabela 2.

Tabela 02. Descrição de artigos abordados.

Artigo	Descrição incompleta			
Artigo	Instrumento	Inclusão	Exclusão	Método de análise
Abrantes et al. (2025).		X	X	
Alves, H. C. de O. (2024).	X			
Crowson et al. (2024).			X	
Dias et al. (2023).	X			
Duarte et al. (2024).	X			
Finger et al. (2024).			X	
Huang et al. (2023).			X	
Oliveira et al. (2025).	X			
Otoni. & Pereira. (2024).	X			
Rocha P. et al.. (2024).	X	X	X	X
Rocha V. et al. (2023).	X	X	X	X
Rødgaard et al. (2021).	X			
Schuur et al. (2024).	X		X	
Taxa et al. (2024).	X		X	
Tonial & Pinculini. (2023).			X	

*Artigos que apresentaram Lacunas na descrição de participantes, instrumentos e/ou procedimentos

Destarte as lacunas na descrição de aspectos metodológicos podem afetar diretamente a possibilidade de serem realizados estudos de replicação. De acordo com os dados da Tabela 2, 15 dos 20 estudos apresentaram algum problema na descrição de participantes, instrumentos e/ou procedimentos. Considerando apenas esses itens e sem entrar, portanto, na análise dos dados, apenas cinco estudos poderiam ser replicados unicamente com as informações que constavam nos artigos. A replicação dos outros 15 poderia ser prejudicada pela insuficiência de informações metodológicas.

No que diz respeito à temática dos estudos, a partir de 2021 começaram a ser publicados trabalhos com foco no diagnóstico tardio de TEA, especialmente do diagnóstico em mulheres adultas. Um artigo publicou sobre os cuidados paliativos das comorbidades associadas ao TEA em pessoas com diagnóstico tardio. Dois artigos revisaram produções científicas sobre o diagnóstico tardio e o processo de avaliação de TEA na vida adulta. Seis artigos procuraram compreender o que dificulta o diagnóstico de autismo em adultos, o impacto da camuflagem para o diagnóstico e as diferenças clínicas entre homens e mulheres que possam influenciar no diagnóstico tardio em mulheres e onze artigos investigaram o impacto do diagnóstico tardio de TEA no desenvolvimento

psicossocial, nas relações sociais, impacto funcional, as barreiras clínicas para o tratamento e no mercado de trabalho.

A seguir analisaremos os artigos que responderam uma das questões que norteou esta revisão: Quais são, então, os impactos causados pelo diagnóstico tardio do TEA?

No estudo realizado por Abrantes e colaboradores, (2025). Ficou evidente que houve impactos, quanto as características sociais, o convívio social e familiar, foi o contexto mais afetado. No cognitivo, houve prejuízos na atenção, concentração e articulação das palavras o maior impacto foi na alfabetização. Concluíram que foram notórios os impactos cognitivos e psicossociais com atraso do diagnóstico e alertaram para a necessidade contínua de investigação do tema, a fim de acompanhar a evolução da implementação de políticas públicas e formação de trabalhadores da saúde preparados para tornar o diagnóstico mais precoce possível.

Para Casagrande et al. (2024). O desconhecimento das potencialidades e o estigma da pessoa com diagnóstico de autismo resultam em obstáculos para o ingresso no mercado de trabalho e mesmo para que estes permaneçam no emprego. Dessa forma, empregar pessoas com TEA envolve um contexto de incertezas e desafios, contudo, aletam que esse cenário deve ser compartilhado para que sejam visualizados como possibilidade real.

Na pesquisa realizada por Crowson et al. (2024). As principais prioridades elencadas pelos participantes foram o acesso ao apoio onde vivem, a formação de profissionais, o apoio para entender o impacto do diagnóstico tardio, a utilização do seu modo de contacto preferido e um plano de apoio individualizado. Ficou demonstrado que o apoio local é valioso para adultos com diagnóstico de TEA, assim como suporte para processar o diagnóstico ajudar a desenvolver e implementar planos de apoio por profissionais bem treinados que oferecem uma variedade de opções de contato.

Duarte et al. (2024), alertam para a necessidade de aperfeiçoar os critérios diagnósticos e conscientizar a sociedade sobre o autismo em adultos, além de desenvolver políticas públicas que garantam acesso a recursos e oportunidades de inclusão efetiva. Pois o diagnóstico tardio de TEA está frequentemente associado a prejuízos emocionais, como dificuldades em formar relacionamentos, e funcionais, como instabilidade profissional, além de gerar desafios na integração social. Destacam ainda que o diagnóstico em idade avançada representa um ponto de partida para intervenções que promovam uma melhor qualidade de vida.

Finger. et al. (2024) realizaram uma revisão de literatura e os estudos indicaram que o diagnóstico tardio e as comorbidades psiquiátricas, como ansiedade e depressão, complicam o manejo de TDAH e TEA em adultos. Afirmam que as estratégias devem ser personalizadas, considerando o impacto funcional e social. Concluem que o diagnóstico precoce e intervenções multidisciplinares são essenciais para melhorar os resultados em adultos com TDAH e autismo e alertam para a necessidade de mais estudos que abordem critérios diagnósticos específicos para essa população.

Após análise qualitativa de respostas de pesquisa aberta para complementar os achados quantitativos, realizada por Huang et al. (2023), afirmaram em seus resultados que, em média, os participantes alegaram níveis leves de estigma internalizado e impacto positivo do diagnóstico em todos os domínios, excetuando apenas o acesso ao serviço. O diagnóstico tardio teve impacto positivo associado apenas ao suporte clínico. O modelo de análise de caminho mostrou relações positivas entre o impacto dos domínios de diagnóstico, com a autocompreensão tendo um efeito positivo no bem-estar por meio da redução do estigma internalizado. Foram desenvolvidos quatro temas: continuidade e aceitação, diagnóstico tardio como arrependimento e liberdade, aceitando ser autista e resistência ao estigma a partir de dados qualitativos. Afirmaram que a autocompreensão é uma barreira contra o desenvolvimento do estigma internalizado do autismo e que os profissionais que realizam o diagnóstico desempenham um papel importante na melhoria da autocompreensão e bem-estar em adultos autistas. Concluem que para entender o papel da idade no diagnóstico e os mecanismos por trás do desenvolvimento da identidade positiva após o diagnóstico de autismo são necessárias mais pesquisas sobre o tema.

Nalin et al. (2022) realizaram uma revisão integrativa da literatura, objetivando compreender e analisar os motivos que levam ao diagnóstico tardio do TEA e quais são os impactos funcionais e psicossociais ocasionados. Notaram que, a partir dos 12 estudos que analisaram, o diagnóstico de TEA é um transtorno associado à infância, e por isso, existem poucas pesquisas sobre o TEA direcionados à vida adulta. Assim, muitas pessoas passam grande parte da vida com os sintomas do transtorno, mas sem receber o diagnóstico, desencadeando prejuízos e impossibilitando o indivíduo de buscar intervenções que visem a melhoria de sua qualidade de vida. Após essa revisão ressalta-se para a necessidade do diagnóstico precoce do TEA e da elaboração de novos estudos sobre o tema, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida da população adulta diagnosticada com o transtorno, e para minimizar os sintomas que muitas vezes são agravados devido à falta de

tratamentos específicos.

Rocha et al. (2023) afirmam que o diagnóstico do transtorno do espectro autista é um processo complicado, isso porque, o autismo é definido como um distúrbio complexo de desenvolvimento comportamental, possuindo diversas etiologias e manifestações de gravidade diferentes. Devido a esses e outros fatores sua detecção pode ser tardia. O diagnóstico tardio ocasiona impactos negativos, por isso, reforçam a importância do desenvolvimento de novos métodos para detecção precoces associados a maior capacitação profissional, a fim de tornar o diagnóstico mais eficiente, melhorando o prognóstico e fornecendo maior qualidade de vida ao indivíduo.

Soares et al. (2023), alertam que o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista apresenta complicações e riscos, incluindo diferenças características, influência de fatores sexuais, depressão e comportamentos de automutilação na adolescência. Destacam as dificuldades em distinguir TEA de outros transtornos, enfatizando a necessidade de aumentar a conscientização e compreensão do autismo. A camuflagem dos sinais e sintomas, por exemplo, é um fator que pode explicar o alto índice de diagnósticos tardios em mulheres com TEA. Especialmente no que diz respeito a doenças psicológicas, sendo considerada, muitas vezes, uma experiência traumatizante para esse grupo de mulheres, é perceptível as diversas consequências que um subdiagnóstico no espectro causa.

Taxa et al. (2024), realizaram uma revisão de literatura com o tema, O impacto do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista nas mulheres, objetivando apresentar e incentivar a discussão sobre o diagnóstico tardio de TEA nas mulheres, incluindo sua causa e impacto. Concluíram que existe um provável subdiagnóstico de autismo em meninas, decorrente do uso de métodos diagnósticos não inclusivos e a falta de estudo e preparo efetivo para o reconhecimento do fenótipo feminino e suas peculiaridades o que resulta em uma baixa qualidade de vida para essas pacientes.

Tonial, et al. (2023) apresentaram um relato de caso, cujo paciente apresentou sintomas não muito específicos para o diagnóstico de Transtorno do espectro autista, o que dificultou a implementação de terapias específicas que deveriam ser iniciadas no início das manifestações clínicas e principalmente na fase de desenvolvimento psicomotor, para que fossem minimizados os atrasos e agravamentos do transtorno. Desta forma, para a implementação de terapias específicas, durante a fase de crescimento psicomotor da criança o diagnóstico do TEA deve ocorrer o mais cedo possível.

3. DISCUSSÃO

Considerando a relevância social do estudo sobre diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista e as contribuições que a Psicologia potencialmente pode gerar, a quantidade de artigos publicados sobre o tema ainda é muito restrita. Dos 20 artigos encontrados, apenas 5 eram realmente da Psicologia e diziam respeito ao diagnóstico de TEA na vida adulta. Tendo em vista que somente 20 artigos foram publicados e analisados, contudo, 3 deles foram publicados em periódicos Qualis A, o que pode ser um indicativo de que o Diagnóstico tardio de TEA está classificado como um assunto que interessa às revistas mais bem avaliadas.

Apesar de, a partir dos dados coletados, ficou evidente uma tendência no número de artigos sobre o tema publicados a partir de 2024, é provável que esse número aumente nos próximos anos. O diagnóstico de TEA na vida adulta está em voga tanto em virtude da frequente divulgação de casos em diversos meios de comunicação, como redes sociais, programas de TV e sites de notícias.

A maioria estudos analisados neste artigo, buscaram compreender e analisar o impacto do diagnóstico tardio de TEA e concluíram que são muitos os impactos negativos para a qualidade de vida das pessoas, principalmente no que tange às relações sociais, prejuízos emocionais, como dificuldades em formar relacionamentos, e funcionais, como instabilidade profissional, além de gerar desafios na integração social, causam também, devido a esses fatores, ansiedade e depressão, e impossibilita que o indivíduo busque tratamentos eficazes e comungam da necessidade de novos estudos sobre o tema.

Dois artigos discutiram sobre o impacto da camuflagem social no diagnóstico tardio do TEA. Otoni et al. (2024) relatam que a camuflagem é uma forma de mascarar determinadas características, sendo mais praticada por portadores de diagnósticos TEA, e que esse costume pode trazer consequências sérias como exaustão e ansiedade. Tratando-se de uma prática mais realizada por mulheres com diagnóstico de TEA. Rocha et al (2024), afirmaram em seus estudos que, embora a capacidade de camuflar e compensar permita uma interação social aparentemente mais aceita dentro

de uma sociedade predominantemente neurotípica, é importante reconhecer que esse esforço pode ser exaustivo e vir com altos custos emocionais e mentais, causando prejuízos substanciais na qualidade de vida da pessoa. Alertam para a compreensão das estratégias de camuflagem e compensação para o desenvolvimento de abordagens diagnósticas e terapêuticas mais sensíveis e eficazes, especialmente levando em consideração as diferenças de gênero no espectro autista.

Alaghband-Rad et al. (2023) realizaram uma revisão sistemática de literatura objetivando descrever os correlatos da camuflagem, suas motivações para exibir o comportamento de camuflagem e os impactos potenciais da camuflagem na saúde mental de indivíduos adultos com diagnóstico de TEA. Afirmaram que a camuflagem social foi mostrada pela primeira vez como uma característica de pessoas autistas, que tentam ativamente mascarar e compensar suas características de autismo em contextos sociais, em um esforço para se adequar socialmente melhor. As primeiras avaliações surgiram de relatos qualitativos de indivíduos autistas, das suas famílias e dos profissionais de saúde mental que trabalhavam com eles. Os autores afirmam que trabalhos posteriores se concentraram em quantificar a camuflagem em relação à discrepância entre os traços autistas dos indivíduos e seus comportamentos observados. As medidas de quantificação mais recentes são questionários de autorrelato que dão uma pontuação para a extensão do comportamento de camuflagem que se emprega. Existe um número crescente, porém, ainda insuficiente, de estudos realizados sobre o conceito de camuflagem; no entanto, diferentes aspectos dela, desde psicopatologia e etiologia até suas complicações e consequências, não estão claramente definidos.

Apenas um estudo, Huang et al. (2023), afirmaram em seus resultados que o diagnóstico tardio de TEA teve impacto positivo em todos os domínios, excetuando apenas o acesso ao serviço. O modelo de análise de caminho mostrou relações positivas entre o impacto dos domínios de diagnóstico, com a autocompreensão tendo um efeito positivo no bem-estar por meio da redução do estigma internalizado. Afirmaram que a autocompreensão é uma barreira contra o desenvolvimento do estigma internalizado do autismo e que os profissionais que realizam o diagnóstico desempenham um papel importante na melhoria da autocompreensão e bem-estar em adultos autistas. Contudo advertem para a necessidade de mais pesquisas para entender o papel da idade no diagnóstico e os mecanismos por trás do desenvolvimento da identidade positiva após o diagnóstico de autismo.

4. CONCLUSÕES

Esta revisão sistemática teve como objetivo realizar uma revisão sobre os estudos com foco no diagnóstico tardio do TEA e mapear as evidências disponíveis recentes sobre os principais temas referentes ao diagnóstico tardio de TEA. Foi surpreendente notar que os periódicos científicos que mais publicaram trabalhos sobre essa temática foram aqueles nos quais há uma preocupação explícita com a interface da Medicina e não da Psicologia. O diagnóstico tardio de TEA é um grave problema que causa prejuízos na qualidade de vida das pessoas. A Psicologia, enquanto ciência que estuda a saúde mental, processos sociais, desenvolvimentais e cognitivos, tem potencial para desenvolver estudos que contribuam de fato para a elucidação deste fenômeno.

O número relativamente baixo de pesquisas publicadas demonstra que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, o tema está longe estar saturado, a área ainda tem muito a se desenvolver no país. Tanto a construção de métodos mais eficazes de diagnosticar o autismo em adultos quanto os modos de tratamento para uma melhor qualidade de vida do indivíduo adulto com o diagnóstico de TEA. Rocha V. et al. (2023), afirmam que o diagnóstico do transtorno do espectro autista é um processo complicado, isso porque, o autismo é definido como um distúrbio complexo de desenvolvimento comportamental, possuindo diversas compreensões e manifestações de gravidade diferentes e, por isso, merecem atenção especial dos estudos psicológicos.

Esta revisão apresenta algumas limitações, como o fato de ter sido reduzida artigos científicos. Não foram incluídas teses, dissertações e livros, por exemplo. O tema também é bastante discutido nas redes sociais, por exemplo, que oferecem uma fonte bastante rica sobre o assunto, contendo histórias e relatos de caso de pessoas que foram diagnosticadas com TEA já na vida adulta, após conhecerem alguém com o diagnóstico, ou que se identificaram com comportamentos de TEA após o diagnóstico de alguém da família, predominantemente, em um filho, o que torna o tema em voga atualmente. Para além disso, é possível que os descritores utilizados não abranjam alguns trabalhos. Alguns estudos sobre o diagnóstico de TEA, por exemplo, podem ter versado sobre o tema sem necessariamente mencionar as

palavras tardio ou adulto e, nesse caso, não terem sido identificados na busca. Essas limitações, no entanto, não desmerecem os resultados encontrados ou a pertinência do estudo.

Weinsztok e Amlung, (2025), concluíram seu artigo enfatizando a importância dessas revisões para a pesquisa, prática e teoria da análise do comportamento e defendendo o aumento do número de revisões sistemáticas publicadas em análise do comportamento. Ao identificar o foco que estudos da medicina têm adotado para investigar o impacto do diagnóstico tardio de TEA, as autoras, que são da área da psicologia comportamental, almejam que esta revisão seja uma contribuição para aqueles que estão planejando o desenvolvimento de pesquisas nesta área.

Financiamento: A autora Lessa Gebrim é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no âmbito de seu curso de doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), apoio que viabilizou a realização desta pesquisa. A autora Paula Negreiros declara ter desenvolvido este estudo com recursos próprios, sem financiamento externo.

Agradecimentos: Os autores expressam seu reconhecimento à Professora Dra. Ilma A. Goulart de Souza Britto pela valiosa contribuição intelectual e pelo apoio prestado ao longo do desenvolvimento deste estudo, cuja orientação e rigor científico foram fundamentais para o aprimoramento do trabalho.

Declaração de conflito de interesse: Os autores declaram, de forma expressa, a inexistência de quaisquer conflitos de interesse, sejam eles de natureza financeira, institucional ou pessoal, que possam ter influenciado a condução da pesquisa, a análise dos dados ou a interpretação dos resultados apresentados.

REFERÊNCIAS

- Abrantes, E. E., Silva, A. K. A. da, Ramalho, M. A. de O., & Guedes, T. A. L. (2025). Impactos do diagnóstico tardio no desenvolvimento cognitivo e psicossocial em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Brazilian Journal of Health Review*, 8(1), e76776. <https://doi.org/10.34119/BJHRV8N1-161>
- Alagband-Rad J, Hajikarim-Hamedani A, Motamed M. Camuflagem e comportamento de mascaramento no autismo adulto. *Psiquiatria de frente*. 16 de março de 2023;14:1108110. DOI: 10.3389/fpsy.2023.1108110. PMID: 37009119; PMCID: PMC10060524.
- *Alves, H. C. de O. (2024). O Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na Fase Adulta: Uma Scoping Review. *ID on Line. Revista de Psicologia*, 18(71), 1–18. <https://doi.org/10.14295/IDONLINE.V18I71.3964>
- Associação Americana de Psiquiatria (2023). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição Texto Revisado TR. Tradução de D. Vieira, M. V. Cardoso & S. M. M. da Rosa. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2022).
- *Casagrande, I., Galante, M. E. L., & da Silva, N. R. (2024). Percepção de um indivíduo com diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista (TEA) - sobre ingresso e permanência no trabalho. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 16(2), e3420. <https://doi.org/10.55905/CUADV16N2-068>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (s.d.). *Portal de periódicos*. <https://www.periodicos.capes.gov.br/>
- *Crowson, S., Poole, D., Scargill, K., & Freeth, M. (2024). Understanding the post-diagnostic support priorities of autistic adults in the United Kingdom: A co-produced modified Delphi study. *Autism*, 28(4), 854–865. <https://doi.org/10.1177/13623613231196805>
- *Dias, A. F. N., Ribeiro, F. S., Lima, V. L. S., Santana, A. B. S., Guimarães, B. L. S., Almeida, C. F. F., & Fernandes, T. A. (2023). A complexidade no diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e suas implicações. *Brazilian Journal of Health Review*, 6(6), 30893–30906. <https://doi.org/10.34119/BJHRV6N6-332>
- *Duarte, L. M., Ribeiro, V. E. de L., & Nazaré, W. O. (2024). A influência do diagnóstico tardio no desenvolvimento em adultos com transtorno do espectro autista. *Revista Contemporânea*, 4(11), e6555. <https://doi.org/10.56083/RCV4N11-069>
- Evans, J. A., Krumrei-Mancuso, E. J., & Rouse, S. v. (2024). What You Are Hiding Could Be Hurting You: Autistic Masking in Relation to Mental Health, Interpersonal Trauma, Authenticity, and Self-Esteem. *Autism in Adulthood*, 6(2), 229–240. <https://doi.org/10.1089/AUT.2022.0115>
- *Finger, S. M., Marques, N. A., Souza, M. E. de, Martinussi, L., Queiroz, L. S., Almeida, E. L. F., Teodoro, L. Z., Silva, I. M. H. F. e, & Cogo, A. M. (2024). Transtornos do neurodesenvolvimento em adultos: diagnóstico e manejo de autismo e TDAH. *Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas Em Qualidade de Vida*, 16(3). <https://doi.org/10.36692/V16N3-34R>
- França, K. V. P., Morais, S. M., Rocha, Y. F. de O. (2024). A eficácia da terapia ABA em pacientes adultos com diagnóstico de autismo. *Issue: V. 13, I. 7 (2024) | DOI: 10.33448/rsd-v13i7.46440*
- Gomes, D. R. et al. Influências do transtorno do espectro autista nas relações familiares: revisão sistemática. *RBSP*. v.43, n.2, p.444-465, abril de 201
- Huang, Y., Trollor, J. N., Foley, K. R., & Arnold, S. R. C. (2023). “I’ve Spent My Whole Life Striving to Be Normal”: Internalized Stigma and Perceived Impact of Diagnosis in Autistic Adults. *Autism in Adulthood*, 5(4), 423–436. <https://doi.org/10.1089/AUT.2022.0066>
- Livingston, L. A., Shah, P., & Happé, F. (2019). Compensatory strategies below the behavioural surface in autism: a qualitative study. *The Lancet Psychiatry*, 6(9), 766–777. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(19\)30224-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30224-X)

- Lord, C., & Bishop, S. L. (2021). Let's Be Clear That "Autism Spectrum Disorder Symptoms" Are Not Always Related to Autism Spectrum Disorder. *American Journal of Psychiatry*, 178(8), 680–682. <https://doi.org/10.1176/APPI.AJP.2021.21060578>
- Mattos, B.A.V. et al. Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos. *Res., Soc. Dev.* v.11, n.16, p.77-82, dez. 2022
- Mendeley. (s.d.). *Mendeley: Reference manager & academic social network*. <https://www.mendeley.com/>
- Nalin, L. M., Matos, B. A. de, Vieira, G. G., & Orsolin, P. C. (2022). Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos. *Research, Society and Development*, 11(16), e382111638175. <https://doi.org/10.33448/RSD-V11116.38175>
- Oliveira, L. H. C. de, Moura, T. C., Ferreira, V. M. M., & Andrade, M. A. F. (2025). A importância dos cuidados paliativos no tratamento das comorbidades do Transtorno do Espectro Autista com diagnóstico tardio. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(3), 85–95. <https://doi.org/10.51891/REASE.V1113.18293>
- Oliveira, L. G. de, & Maia, J. L. F. (2022). Depressão e suicídio em adultos com o Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, 11(15), e255111537265. <https://doi.org/10.33448/RSD-V11115.37265>
- Otoni Pereira Miranda, É., & Maria Pereira Fontes Chagas, L. M. (2024). Camuflagem social e diagnóstico tardio de autismo em mulheres: uma revisão integrativa. *Revista Neurociências*, 32, 1–19. <https://doi.org/10.34024/RNC.2024.V32.16553>
- Pellicano, E., Lawson, W., Hall, G., Mahony, J., Lilley, R., Davis, C., Arnold, S., Trollor, J., & Yudell, M. (2020). Documenting the untold histories of late-diagnosed autistic adults: a qualitative study protocol using oral history methodology. *BMJ Open*, 10(5), e037968. <https://doi.org/10.1136/BMJOPEN-2020-037968>
- PRISMA. (s.d.). *Transparent reporting of systematic reviews and meta-analyses*. <https://www.prisma-statement.org/>
- *Rocha, P. A., Gomes, A. C. P., Souza, A. J. A. A. de Penha, I. e S., Santos, J. P. de O. B., Lemes, L. de A., & Macedo, L. R. (2024). O impacto da camuflagem social no diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 24(6), e16579. <https://doi.org/10.25248/REAS.E16579.2024>
- Rocha, V. P., da Cruz, A. V. C., Ferreira, C. A. C. de C., Barbosa, A. B., Brandão, L. L., Lima, P. L. S., Silva, R. O., & Vasconcelos Filho, J. C. (2023). Diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista e seus impactos sociais e clínicos. *Brazilian Journal of Health Review*, 6(2), 6962–6970. <https://doi.org/10.34119/BJHRV6N2-199>
- *Rødgaard, E. M., Jensen, K., Miskowiak, K. W., & Mottron, L. (2021). Childhood diagnoses in individuals identified as autistics in adulthood. *Molecular Autism*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/S13229-021-00478-Y>
- Santos, L. R. dos, Marques, M., Silva, P. O., & Pucci, S. H. M. (2024). O diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista na vida adulta: uma revisão integrativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(12), 2235–2251. <https://doi.org/10.51891/REASE.V10I12.17401>
- Schuur, A. P., Beiral, B. U., Gaievski, R. S., Grigio, J., Souza, A. G. de, Carmanhães, G. F., & Oliveira, L. M. (2024). Dificuldades no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista no sexo feminino. *Brazilian Journal of Health Review*, 7(4), e72178. <https://doi.org/10.34119/BJHRV7N4-369>
- Soares, A. G. V., Silva, H. C. da, Vidal, L. A., Bonilla, M. A. de A., Tôrres, M. E. M., Lima, M. J. N. de, Santana, M. A. de, Alves, M. E. de M., Paz, U. E. S., & Silva, H. R. de S. e. (2023). Revisão de escopo: as implicações do diagnóstico tardio do TEA em mulheres. *Revista Neurociências*, 31, 1–37. <https://doi.org/10.34024/RNC.2023.V31.15662>
- Soares Loureiro, J. (2024). Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil? *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 6(11), 4009–4021. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024V6N11P4009-4021>

-
- Taxa, S. K. F., Marinho, A. V. B., Marinho, S. V. B., & Mota, M. A. (2024). O impacto do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista nas mulheres. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 16(2 Edição Especial).
<https://doi.org/10.55905/CUADV16N2-ED.ESP.216>
- Tonial, A. C., Huning, J., & Pinculini, A. P. G. (2023). Desfechos clínicos associados ao diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista: um relato de caso. *Contribuciones a las ciencias sociales*, 16(11), 26549–26559.
<https://doi.org/10.55905/REVCONV.16N.11-107>
- Weinsztok, S. C., & Amlung, M. (2025). Research synthesis in behavior analysis I: An introductory guide to conducting systematic reviews. *Journal of the experimental analysis of behavior*, 124(1), e70040.
<https://doi.org/10.1002/jeab.70040>